

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.012



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

O PROFETISMO NO ANTIGO TESTAMENTO: CHAMADO E PAPEIS SOCIAIS

Prophetism in the Old Testament: calling and social roles

Danilo Gomes Galvão¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar um breve panorama sobre o desenvolvimento do ministério profético no período veterotestamentário. O objetivo da pesquisa, é analisar os principais títulos referentes a pessoa do profeta, como: profeta, vidente, visionário e homem de Deus. Além disso procurou-se compreender a natureza da atividade profética e como a mesma era importante para manter o povo na direção da vontade de Deus. Outrossim, buscou-se entender a grandeza do chamado profético e suas implicações para aqueles que eram vocacionados para o ofício. Para finalizar o trabalho, pretendeu-se ressaltar os principais papéis exercidos pelos profetas tanto no âmbito social, político e espiritual da nação. Nesse trabalho, o procedimento metodológico adotado foi o exploratório, pois visou-se conhecer o problema e torná-lo explícito. Quanto ao conteúdo, se fez um trabalho de revisão bibliográfica. Em relação ao método, utilizou-se o hipotético-dedutivo como proposta de elucidação do movimento profético no período do Antigo Testamento.

Palavras-chave: Profetismo. Chamado. Papéis Sociais.

ABSTRACT

The purpose aims to present a brief overview of the development of the prophetic ministry in the Old Testament period. The objective of the research is to analyze the main titles referring to the person of the prophet, such as: prophet, seer, visionary and man of God. It also sought to understand the nature of the prophetic activity and how it was

¹ Mestrando em Teologia nas Faculdades Batista do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7883-2248>. E-mail: danilogalvaotaua@hotmail.com

important to keep the people on the path of God's will. We also sought to understand the greatness of the prophetic calling and its implications for those who were called to the office. Finally, the aim was to highlight the main roles played by the prophets in the social, political and spiritual spheres of the nation. In this work, the methodological procedure adopted was exploratory, as it aimed to understand the problem and make it explicit. As for the content, a bibliographic review was carried out. Regarding the method, the hypothetical-deductive approach was used as a proposal to elucidate the prophetic movement in the Old Testament period.

Keywords: Prophetism. Call. Social Roles.

INTRODUÇÃO

Na literatura bíblica o profetismo apresenta-se como um movimento histórico diverso caracterizado por grandes atuações de homens e mulheres vocacionados por Deus. No desenrolar desse movimento, percebe-se que não se trata de um fenômeno homogêneo. Nos inúmeros períodos da história de Israel, surgiram diversos tipos distintos de profetas. Entre os profetas, há os que não produziram escritos (chamados de pré-clássicos), e há também aqueles (chamados de clássicos) que além de profetizar, registraram seus escritos, livros esses que hoje fazem parte do cânon sagrado do Antigo Testamento.

O profetismo não foi um movimento ocorrido exclusivamente entre os israelitas. A prática de profetizar também está presente entre outros povos e culturas, a exemplo dos cananeus. Contudo, nosso objetivo nessa pesquisa é analisar de forma panorâmica a prática do profetismo no Antigo Testamento, buscando compreender os diferentes títulos referentes a pessoa do profeta, como: profeta, vidente, visionário e homem de Deus. Além disso procurou-se compreender a natureza da atividade profética e como a mesma era importante para manter o povo na direção da vontade de Deus e o papéis exercidos na atuação dos profetas.

A pesquisa possibilitou-nos a consulta de importantes obras sobre o assunto, com foco maior na contribuição de dois principais autores: Sicre e Soares. A versão bíblica utilizada nos textos mencionados foi a Almeida Revista e Atualizada - ARA. O procedimento metodológico adotado foi o exploratório, pois visou-se conhecer o problema e torná-lo explícito. Quanto ao conteúdo, se fez um trabalho de revisão bibliográfica. O método utilizado foi o hipotético-dedutivo, pois buscou-se elucidar o movimento profético no período do Antigo Testamento.

1. O MINISTÉRIO PROFÉTICO: TERMOS E DEFINIÇÕES

Os profetas são denominados nas Escrituras como pessoas que possuem o ofício de apresentar Deus e transmitir a sua mensagem ao povo ou a alguém de forma individual.² O profeta é aquele que vê, contempla e entende a vontade de Deus; que recebe e reconhece a revelação divina; é alguém que possui a capacidade de distinguir entre os pensamentos do

² SOARES, Esequias. **O ministério profético na Bíblia**: a voz de Deus na terra. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

seu próprio coração a voz de Deus; que anuncia com fidelidade o conteúdo recebido do alto.³ Ele é alguém impelido a proferir um discurso divino, debaixo da orientação e autoridade de Deus e sob revestimento de poder do Espírito. Sua mensagem tem destinatário certo e transmite uma palavra da parte do Altíssimo.⁴

1.1 Significado do termo “profeta”

No profetismo veterotestamentário, alguns termos hebraicos são utilizados para se referir a pessoa do profeta. Em 1 Crônicas 29.29, o autor emprega três classificações relacionadas a figura daquele que profetiza. “Os atos, pois, do rei Davi, tanto os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas, registrados por Samuel, o vidente, nas crônicas do profeta Natã e nas crônicas de Gade, o vidente”. Nessa passagem, Samuel é chamado de *rô’eh*, “vidente”, Natã de *nābî*, “profeta” e Gade, de *hōzeh*, que também significa vidente.⁵

Segundo Waltke, “o vocábulo ‘profeta’ vem do termo hebraico *nābî*”, que a Septuaginta traduz como *prophētēs* (‘aquele que fala em nome de um deus e interpreta a vontade divina ao homem’).⁶ Logo, o profeta é alguém chamado e designado por Deus para ser o seu porta-voz (2Rs 9.1; 2Cr 12.5; Jr 1.5). Para Kreider, “um profeta fala por Deus. O profeta ou profetisa fala basicamente ao povo de Deus, mas, com frequência, aos não crentes e até mesmo à criação. Sendo assim, um profeta pode ser considerado como a boca humana de Deus”.⁷

1.1.1 Vidente (*rô’eh*)

O termo *rô’eh*, cujo significado é “vidente”, deriva do verbo *ra’âh*, que significa “ver”.⁸ Em suas 11 ocorrências no Antigo Testamento, sete se referem a Samuel (1Sm 9.9, 11, 18, 19; 1Cr 9.22; 26.28; 29.29), duas a Hanani (2Cr 16.7, 10) e uma a Zadoque (2Sm 15.27). De acordo com Lima, o vocábulo *rô’eh*, expressa “revelações divinas recebidas através de visões, normalmente ligadas ao êxtase religioso”.⁹ Soares explica, que na época da coroação do rei Saul (1Sm 9.9), o profeta era considerado como vidente, ou seja, aquele que vê.¹⁰ Partindo desse entendimento, Sicre também afirma que a antiga imagem do vidente estava associada há um homem que conhece coisas ocultas.¹¹

³ CABTREE, A. R. **A profecia de Isaías: texto, exegese e exposição**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967

⁴ NICODEMUS, Augustus. **Profetas: a profecia na Bíblia e na igreja**. São José dos Campos: Fiel, 2023.

⁵ SOARES, 2016.

⁶ WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 899-900.

⁷ KREIDER, Glenn R. Messias: profeta, sacerdote e rei. In. RYDELNIK, Michael.; BLUM, Edwin. **Manual de Profecia Messiânica: estudos e exposições sobre o messias no antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 153.

⁸ PACHECO, Thiago Silva. Profetismo, religião e sociedade no Antigo Israel: formas de organização e conflitos. **Religare**, v.16, n.2, dezembro de 2019, p. 615-635.

⁹ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, p. 62-63.

¹⁰ SOARES, 2016.

¹¹ SICRE, Díaz. **Introdução ao profetismo bíblico**. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2016.

1.1.2 Visionário (*ḥōzeh*)

O termo *ḥōzeh*, aparece poucas vezes nas Escrituras, com apenas 16 ocorrências no Antigo Testamento, sendo 10 em Crônicas e outras menções em alguns textos (2 Sm 24.11; 1 Cr 25.5; 2 Cr 35.15; Am 7:14; Is 29.10). Sicre (2016), traduz *ḥōzeh*, por “visionário” para expressar sua relação e diferença com o termo “vidente”. Soares declara:

O *ḥōzeh* é também um vidente, porém, sabe-se que não existe sinônimos perfeitos sempre há alguma nuance, pois *rô'eh*, vem do verbo “ver”, isto é com os olhos físicos, a capacidade de compreender aquilo que vê, ao passo que *ḥōzeh*, significa ver introspectivamente, ver com o espírito (Os 9.7).¹²

Wilson declara que *ḥōzeh*, era alguém que recebia revelações divinas através de visões.¹³ De acordo com Costa, a expressão *ḥōzeh* era usada para enfatizar a percepção especial que o profeta tinha de Deus e das coisas espirituais.¹⁴ Segundo Pacheco, as “classificações *ḥōzeh* e *rô'eh*, usadas em tempos mais antigos, foram paulatinamente substituídas e inseridas na classificação de *nābî'*, cujo significado seria algo próximo de “nomear, chamar”.¹⁵ Eichrodt complementa que, *ro'eh* e *ḥōzeh*, são homens que “veem” mais que os demais mortais, e não somente o futuro, mas também o oculto em geral.¹⁶

1.1.3 Profeta (*nābî'*)

No contexto do movimento profético veterotestamentário, o termo hebraico *nābî'*, é o mais frequente na literatura bíblica para se referir aos profetas. Sicre afirma, que há 315 ocorrências da palavra no Antigo Testamento.¹⁷ Soares declara que seu significado é incerto, mas que trata-se de uma derivação do verbo (*nābā*), que significa borbulhar, ferver, derramar.¹⁸ “A ideia seria de extravasar palavras, falar sob inspiração divina com a mente poderosa”.¹⁹ Seguindo nessa perspectiva, Gusso declara que o termo hebraico *nābî'*, significa “aquele que fala”.²⁰

Dentro dessa perspectiva, Merrill defende que o termo *nābî'*, provavelmente venha da etimologia da palavra acadiana *nabû*, que significa “proclamar, anunciar”, ajustando-se bem ao uso da expressão *nābî'* apresentado em todo o cânon.²¹ Pacheco reitera, que o termo pode ser entendido ativamente, “com sentido de “aquele que chama, que fala”, “arauto”, ou

¹² SOARES, 2016, p. 28.

¹³ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no Antigo Israel**. 2.ed. São Paulo: Targumim: Paulus, 2006.

¹⁴ COSTA, José Carlos de Lima. O Profetismo Veterotestamentário: definições e papéis sociais. **Colloquium**: Revista Multidisciplinar de Teologia – ISSN: 2448-272261. Volume 6, Número 2, dezembro de 2021.

¹⁵ PACHECO, 2019, p. 619.

¹⁶ EICHRODT, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 263.

¹⁷ SICRE, 2016.

¹⁸ SOARES, 2016.

¹⁹ SOARES, 2016, p. 29.

²⁰ GUSSO, Antônio Renato. **Profetas Maiores**: introdução fundamental e auxílio para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2014.

²¹ MERRILL, E. H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2009.

passivamente, no sentido de “chamado”, sendo o segundo caso aparentemente mais verossímil”.²²

Segundo Harris, Archer Jr. e Waltke, ao discutir sobre a etimologia da palavra *nābīʾ* no Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, declaram que há no momento pelo menos quatro pontos de vista sobre a derivação da palavra:

- 1) De uma raiz árabe *nabaʾa*, “anunciar”, “dá porta voz” (Cornill, Koenig, Eiselen, G. A. Smith).
- 2) De uma raiz hebraica, *nābāʾ*, forma abrandada de *nābāʾ*, borbulhar, por conseguinte “extravasar palavras” (Gesenius, Von Orelli, Kuenen, Girdlestone, Oehler).
- 3) De uma raiz acadiana *nabû*, “chamar”, por esta razão “aquele que é chamado [por Deus]” (Albright, Rowley, Meek, Scott).
- 4) De uma raiz semítica desconhecida (A. B. Davidson, KB, BDB, E. J. Young, Heinisch).²³

Soares postula, “que todas essas explicações etimológicas são aceitáveis, pois o profeta é tudo isso: extravasa palavra, proclama revelação divina, é chamado por Deus”.²⁴ Sayão complementa, que “independentemente das observações etimológicas, o sentido mais geral do termo seria o de alguém que experimentou um chamado ou vocação divina”.²⁵

1.1.4 Homem de Deus (*ʾysh ʾēlōhîm*)

O termo homem de Deus aparece em 76 ocorrências no Antigo Testamento, aplicado com destaque para Eliseu (29 vezes), a Elias (7 vezes) e a demais personagens, como Moisés, Samuel, Davi, Semaías, Bem-Joanã, entre outros. Brito salienta, que quanto ao seu sentido, a expressão homem de Deus, “refere-se ao indivíduo que possuía uma estreita relação com Deus e que operava grandes milagres, além da transmissão da Palavra de Deus”.²⁶

Nesse entendimento, Gusso esclarece, que o sentido da expressão homem de Deus refere-se a uma pessoa santa ou consagrada.²⁷ Lima ressalta, que homem de Deus, trata-se de um “título honorífico, que, aplicado a um profeta, realçava a proximidade com Deus enquanto Seu mensageiro, bem como a capacidade de realizar milagres”.²⁸

1.2 Formas de comunicação

A comunicação divina era imprescindível e muito necessária para direcionar o povo nos caminhos de Deus. Mas quais eram as formas e os meios que Deus utilizava para se comunicar com os profetas? De que maneira Deus comunicava a sua vontade? Segundo Soares, o Antigo Testamento mostra que a comunicação de Deus se revelando aos profetas, acontece

²² PACHECO, 2019, p. 618.

²³ HARRIS, R. Lairds; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 905.

²⁴ SOARES, 2016, p. 29.

²⁵ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento: o caso de Habacuque**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 77.

²⁶ BRITO, Matheus Rodrigues. Uma Visão Geral da História do Profetismo em Israel. **Pneuma: revista teológica**, Curitiba, v. 02, n. 01, 2022, p. 56.

²⁷ GUSSO, 2014.

²⁸ LIMA, 2012, p. 63-64.

majoritariamente através da visão e da audição.²⁹ Sicre corrobora com esse entendimento ao afirmar que, “a tradição bíblica é clara neste ponto: através da visão e da audição. Muito mais difícil é saber se esta revelação se realiza durante um estado de êxtase, e o papel que este desempenha na experiência profética”.³⁰

Em sua comunicação com os profetas, Deus se manifestava aos seus sensores humanos na dimensão da visão e audição, utilizando-se de imagem e som. Em Números 12.6 encontramos essa afirmação: “então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos”. Dessa forma, compreende-se que é a partir desse método que Deus comunicava sua vontade aos seus mensageiros.

1.2.1 Visão

A visão era a forma mais comum de Deus se comunicar com os profetas.³¹ Sicre apoia, que basta ler os títulos e a introdução dos livros proféticos para perceber a enorme importância da visão como meio de comunicação divina.³² Soares ainda nos aponta o seguinte:

Note que seis dos 17 livros dos profetas canônicos começam dizendo que o seu conteúdo é resultado de visão ou visões: “Visão de Isaías, filho de Amoz (Is 1.1); “... estando eu no meio dos cativos, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu vi visões de Deus” (Ez. 1.1); “Visão de Obadias” (Ob 1); “Palavra do Senhor que em visão veio a Miquéias” (Mq 1.1 - Almeida Atualizada); “Livro da visão de Naum” (Na 1.1); Peso que viu o profeta Habacuque (Hc 1.1). Isso sem contar os livros repletos de visões como o de Zacarias, sem contudo, anunciar isso na introdução.³³

É importante salientar, que nessas visões proféticas não há um padrão fixo nas manifestações. O autor da epístola aos Hebreus expressa com clareza: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas” (Hb 1.1). Sobre a diversidade nas visões proféticas, Smith sustenta:

Embora todos os profetas obtivessem percepção de quem Deus era e quais eram os seus planos por meio da revelação de uma mensagem verbal da parte de Deus, alguns profetas receberam revelações visionárias figurativas que comunicavam o que Deus planejava fazer. Algumas dessas visões eram sobre as coisas que Deus faria no futuro próximo. Essas visões geralmente continham: (a) uma descrição geral do que era visto na visão; e (b) uma interpretação do significado das partes importantes dessa visão. Por exemplo, Amós teve uma visão de um muro com um prumo na mão (Am 7.7-9). Isso simbolizava a ação de Deus de medir a retidão (quão

²⁹ SOARES, 2016.

³⁰ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 93.

³¹ SOARES, 2016.

³² SICRE, 2016.

³³ SOARES, 2016, p. 36.

aprumada estava) da nação do norte, Israel. Uma vez que o muro não estava ereto nem aprumado, ele precisava ser destruído.³⁴

Soares argumenta, que todas essas visões eram provenientes de Deus através da Terceira Pessoa da Trindade, que está implícita no Antigo Testamento e se torna explícita no Novo Testamento e com maior ênfase no livro de Atos. Soares enfatiza que “essas experiências dos profetas hebreus não são restritas ao período veterotestamentário, pois os apóstolos experimentaram da mesma forma de comunicação divina”.³⁵ Sicre conclui que em algumas ocasiões a visão profética caracteriza-se por uma certa “ousadia para ver o que os outros não querem ver, em outras se distingue pela capacidade de ver a realidade de modo profundo, oferecendo uma leitura nova”.³⁶

1.2.2 Palavra

A maioria dos livros proféticos começam com o elemento auditivo, a palavra.³⁷ Segundo Sicre, no drama dos livros proféticos, o primeiro personagem é a palavra.³⁸ Soares aponta-nos algumas ocorrências na literatura profética:

“Palavra de Jeremias” (Jr 1.1); “Palavra do SENHOR que foi dita a Oséias” (Os 1.1); “Palavra do SENHOR que foi dirigida a Joel (Jl 1.1); “As palavras de Amós, que estava entre os pastores de Tecoa, o que viu a respeito de Israel” (Am 1.1), aqui inclui-se também o elemento visão; “E veio a palavra do SENHOR a Jonas” (Jn 1.1); “Palavra do SENHOR que veio a Miquéias”, morastita [...] o qual viu sobre Samaria e Jerusalém” (Mq 1.1), como acontece no livro de Amós, aqui se acrescenta o elemento visão; “Palavra do SENHOR vinda a Sofonias (Sf 1.1); “[...] veio a palavra do SENHOR, pelo ministério do profeta Ageu” (Ag 1.1); “[...] veio a palavra do SENHOR ao profeta Zacarias” (Zc 1.1); “Peso da palavra do SENHOR contra Israel pelo ministério de Malaquias (Ml 1.1).³⁹

Segundo Sicre, a fórmula utilizada nos livros bíblicos para constatar o recebimento da inspiração divina pelos profetas, pode ser dividida em dois grandes blocos:

No primeiro grupo enquadram-se as fórmulas: “veio a palavra do Senhor a X” ou “veio-me a palavra do Senhor”, que no total aparecem 130 vezes, e “disse-me o Senhor” ou “disse o Senhor a X”, com um total de 103 casos. Ou seja, em 233 ocasiões se assinala que a palavra de Deus vem a alguém, quase sempre a um profeta. No segundo grupo enquadram-se quatro fórmulas: “assim diz o Senhor” (425x), “oráculo do Senhor” (365x), “diz o Senhor” (69x), e “fala o Senhor” (41x). Em resumo, 900 vezes se sublinha que a palavra

³⁴ SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 29-30.

³⁵ SOARES, 2016, p. 37.

³⁶ SICRE, 1996, p. 101.

³⁷ SOARES, 2016.

³⁸ SICRE, 2016.

³⁹ SOARES, 2016, p. 37-38.

transmitida não é ocorrência pessoal, nem fruto das ideias próprias, mas palavra de Deus.⁴⁰

Logo, fica evidente, que a chancela de autoridade que aparece nas fórmulas mencionadas, mostra que a origem mensagem não é do pensamento do profeta e nem oriunda de ideias humanas, mas que provém do Senhor

2. O CHAMADO DO PROFETA

O chamado profético ou vocação para ser um profeta era algo profundamente misterioso, sem explicações racionais e plausíveis, pois tratava-se de uma experiência contemplada pela soberania divina. Segundo Freeman, “nenhum dispositivo religioso ou treinamento espiritual poderia tornar alguém um verdadeiro profeta”.⁴¹ De acordo com Von Rad, ser um profeta era estar revestido de uma função eminentemente de natureza carismática, e que jamais poderia ser uma vocação hereditária.⁴²

Partindo dessa premissa, Costa explica, que “o profetismo israelita surge exatamente como um protesto contra a regularização humanística da religião e uma defesa radical da livre ação de Yahweh em escolher quem quer e agir através de quem deseja”.⁴³ Baker assevera, “os profetas consideravam que seu comissionamento divino lhes fornecia autoridade, autoridade essa que independia da resposta das pessoas a quem se dirigiam”.⁴⁴

Quando se analisa as inúmeras passagens bíblicas sobre o chamamento profético, e observa-se tanto as circunstâncias como as características específicas dos vocacionados, percebe-se uma que há grande variedade de modos e de situações (Êx 3.1-12; 1Sm 3.1-18; 3.19ss; Is 6; Jr 1; Ez 1ss; Am 7.14ss.). “Ao chamar o profeta, Deus age com soberana liberdade. Ele chama quem quer, como e quando quer. Em sua escolha, o Senhor não se limita a qualquer grupo social, político, econômico ou cultural”.⁴⁵

No chamado divino do profeta, não há qualquer relação com alguma instituição formal ou proposta de hereditariedade. Entre os profetas vocacionados por Deus, há uma imensa variedade nas características pessoais e nos traços psicológicos dos escolhidos. Segundo Ballarini e Bressan, entre os profetas:

Vemos aqueles, como Isaías, que apresentam temperamento forte, quase insensível; apresentam-se também, por outro lado, figuras tímidas e extremamente sensíveis, como é o caso de Jeremias. Figuram ainda personagens obstinados, como Jonas; implacáveis e justiceiros, como Elias; mentes questionadoras, como Habacuque e Jeremias ou mais passivas, como

⁴⁰ SICRE, 1996, p. 102.

⁴¹ FREEMAN, Hobart E. **An Introduction to the Old Testament Prophets**. 13.ed. Chicago: Moody Press, 1979, p. 104.

⁴² VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1974. v. 2.

⁴³ COSTA, 2021, p. 68.

⁴⁴ BAKER, David W. Profetas e profecia israelita. In: BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. **Faces do Antigo Testamento: um exame das pesquisas mais recentes**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 267.

⁴⁵ COSTA, 2021, p. 68-69.

Oséias e Daniel. Há os otimistas, como é o caso de Ageu e Zacarias; mas há também os pessimistas, como Amós, Miquéias e Malaquias. Entre os profetas, há os mais dados às experiências transcendentais e místicas, como Ezequiel e Daniel e aqueles mais centrados na objetividade da palavra, como Isaías. Notamos, porém, que Deus lançou mão das características individuais de cada profeta para a plena realização de sua tarefa e cumprimento de sua missão.⁴⁶

Em razão do chamado profético fundamentar-se na soberania de Deus, Costa reitera que “o verdadeiro profeta tinha consciência de que havia sido separado dos outros homens e consagrado por Yahweh para uma tarefa da qual não podia escapar (Jr 1.5; Ez 3.18; Am 7.14-15; Jn 1)”.⁴⁷ Conforme salienta Sicre, o profeta “não é chamado para “desfrutar de Deus”, mas para realizar uma missão diante de seus contemporâneos.⁴⁸ Ainda segundo Sicre a forma como o profeta “encara a realidade e a visão que tem do povo e de si mesmo passam a ser intrinsecamente determinadas por esta nova experiência do profeta com o Senhor”.⁴⁹

Dentro dessa perspectiva, Sicre enfatiza, que “este chamado, ou o momento de sua vocação, supõe uma experiência com Deus que marca completa e para sempre a vida do profeta”.⁵⁰ Sobre essa experiência Eichrodt, afirma:

Desse poder experimentaram os profetas em sua vida, com tremor, como um sobressalto radical de tudo o que foi anterior, e disso são testemunho expresso seus relatos de conversão. Não há nenhum deles que não deva seu novo conhecimento de Deus à percepção do modo de vida roto que até então levaram, transformando em migalhas, os planos e pensamentos que, até então, haviam regulado sua relação com o mundo, descobrindo em seu lugar a irrupção de um poderoso imperativo divino que lhe convertia em obrigação algo que antes não haviam considerado nem como possibilidade.⁵¹

Nessa experiência de vocação profética, o próprio Deus comunica sua vontade ao homem. Costa, afirma que “este chamado estava geralmente vinculado a uma visão de que o profeta recebia e que o introduzia à presença de Yahweh”.⁵² Esse é caso de Isaías:

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou

⁴⁶ BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. **O profetismo bíblico**: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 34.

⁴⁷ COSTA, 2021, p. 69.

⁴⁸ SICRE, 2016, p. 56.

⁴⁹ SICRE, 1996, p. 127.

⁵⁰ SICRE, 1996, p. 119.

⁵¹ EICHRODT, 2004, p. 307.

⁵² COSTA, 2021, p. 70.

homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim (Is 6.1-8).

Sicre esclarece que a intenção de Isaías ao registrar sua experiência de chamado, não é a de “referendar a figura do profeta diante dos seus contemporâneos e indicar-nos as linhas básicas da sua mensagem”.⁵³ Ainda de acordo com Sicre, “o importante não é a pessoa escolhida, sua vida ou seu destino, mas a palavra de Deus, a missão que Deus confere”.⁵⁴ Entretanto, é preciso destacar, que há um modo distinto das experiências de vocação profética. Sicre reitera que “enquanto Isaías contempla o trono de Deus rodeado de serafins, e Ezequiel descreve uma estranha teofania, Jeremias se limita a dizer: recebi a palavra do Senhor”.⁵⁵

Conforme Costa, o chamado divino “arrancava o profeta das circunstâncias de vida que tivera até então e o inseria numa relação completamente nova com Deus, obrigando-o a viver totalmente em prol de sua nova incumbência”.⁵⁶ Contudo, é preciso ressaltar que o profetismo no antigo Israel não pode ser concebido na forma contemporânea de como definimos um ministério. Costa aborda o seguinte:

Uma vez chamados por Yahweh, estes homens se lançavam completamente à atividade para a qual haviam sido incumbidos. Sua vontade, ações e palavras passavam a estar intrinsecamente conectadas ao ministério que exerciam. Uma vez chamado por Deus, o profeta passava a experimentar uma relação ímpar e singular com Yahweh, a qual alterava radicalmente todos os âmbitos da sua vida privada. Na verdade, a partir daí, nem devemos falar de uma vida privada do profeta. Deste modo, o chamado profético era mais que um chamado para o exercício de um ministério ou para a realização de uma função religiosa. O profeta era comissionado para um novo e singular compromisso com Yahweh, através do qual perdia parte de sua individualidade, se entregando totalmente ao agir da vontade soberana de Deus. Sua vida e seu destino passavam a ter um caráter secundário em relação à missão que Deus lhe conferira. Assim, sua vida mais íntima, suas atividades e até a sua família passavam a estar subordinadas à realização de sua atividade como porta-voz e representante de Yahweh.⁵⁷

De forma precisa, Moyter conclui que o chamado profético, desenvolve no profeta uma certeza vocacional em sua consciência, imprimindo-lhes um forte desejo para falar.⁵⁸ Soares

⁵³ SICRE, 1996, p. 111.

⁵⁴ SICRE, 1996, p. 114.

⁵⁵ SICRE, 1996, p. 115.

⁵⁶ COSTA, 2021, p. 70.

⁵⁷ COSTA, 2021, p. 70.

⁵⁸ MOTYER, J. A. Profecia, Profetas. In: DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

esclarece, que Deus levantou, preparou e inspirou profetas para ensinar e admoestar os hebreus sobre o perigo da idolatria. Eram instrutores ungidos e divinamente escolhidos para ensinar a nação a viver na presença de Javé.⁵⁹

3. PAPEIS DESEMPENHADOS PELOS PROFETAS

No período veterotestamentário os profetas desempenharam importantes papéis em seu contexto e época. De acordo com Brueggmann, “a tarefa do ministério profético é nutrir, fomentar e evocar uma consciência e percepção da cultura dominante que nos rodeia”.⁶⁰ Na perspectiva de Brueggmann, o ministério profético não se restringia apenas em abordar questões sociais específicas, mas o de desafiar, constantemente, um problema mais duradouro e resistente, o que é o de termos a nossa vocação alternativa cooptada e domesticada.

3.1 Papel espiritual

Um dos preponderantes papéis desempenhados pelos profetas, era o de alguém responsável por lembrar o povo de sua aliança com Deus. Segundo Baker, os profetas israelitas eram intermediários entre o Deus de Israel e as pessoas de seu tempo, para tratar das deficiências e necessidades contextuais. “Os profetas, como pregadores, esforçavam-se para persuadir sua audiência a desistir de sua desobediência e seguir a Deus”.⁶¹ Partindo dessa premissa, Smith afirma:

Os profetas falaram aos seus contemporâneos “sobre o sentido e resultado de eventos que estavam acontecendo no tempo deles, ou que esperavam que ocorressem em breve”. Os profetas, segundo o método histórico de interpretação, eram principalmente pregadores da justiça e denunciavam a injustiça social. Chamavam o povo de volta à vida sob a aliança com Deus e desmascaravam o vazio da adoração que não era acompanhada de uma vida reta e de fé em Deus.⁶²

Smith destaca, que no Antigo Testamento, a profecia não foi um simples desenrolar prematuro da história, para satisfazer uma curiosidade inútil. Ela sempre atrelada à sua finalidade ética. “A maior parte da pregação dos profetas era dirigida para as crises éticas e religiosas do seu tempo. Contudo, ela também apontava para um evento divino futuro, em cuja direção a história de Israel e do mundo caminhava”.⁶³

Acerca do papel espiritual do profeta na nação, Eichrdot endossa que:

⁵⁹ SOARES, 2016, p. 22.

⁶⁰ BRUEGGMANN, Walter. **A imaginação profética**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025, p. 55.

⁶¹ BAKER, 2017, p. 277.

⁶² SMITH, 2001, p. 392.

⁶³ SMITH 2001, p. 407.

A comunicação do saber superior de que eles desfrutavam não representava um fim em si; viam nele um meio para velar para que não decaísse em Israel a vigência da vontade soberana de Deus. Não se tratava de um vago sentimento religioso, desencadeador de uma série de dons espirituais especiais, como observamos em outros povos; todos esses poderes maravilhosos se colocavam a serviço do fim específico que a nação de Israel havia recebido como parte de sua herança religiosa.⁶⁴

Através dos profetas, o Deus invisível torna-se audível. Sem a voz deles é impossível uma teologia bíblica. Penetrando o coração humano, suas palavras cheias de luz trazem o reino de Deus à terra.

3.2 Papel Social e Político

Após alguns séculos da morte de Moisés, a monarquia foi instituída em Israel. Em Deuteronômio 17.15, Moisés profetizou acerca do surgimento do rei entre os hebreus. Nessa passagem, há três pontos fundamentais relacionados a aspectos políticos sobre o monarca: primeiro, ele deveria ser escolhido por Deus e não ser estrangeiro; segundo, ele não poderia acumular riquezas e mulheres, e terceiro, ter sempre ao seu lado uma cópia da Lei para se lembrar de cumprir suas determinações.

Segundo Soares, o rei não tinha autoridade para modificar o conteúdo da legislação divina.⁶⁵ De acordo Hill e Walton, com o desenvolvimento da monarquia hebraica, surge a manifestação de movimentos proféticos não escritos e escritos em Israel. “Os profetas levavam a mensagem aos líderes políticos e religiosos das monarquias bem como à população”. Em alguns casos, seu ministério estendia-se a nações vizinhas”.⁶⁶

A narrativa bíblica nos mostra que sempre houve um elemento de tensão entre profetas e reis. Em algumas situações, os profetas serviam como conselheiros na casa real, como Natã, Gade e Isaías, pois necessitavam da aprovação dos profetas em razão da popularidade.⁶⁷ Sobre essa questão Sicre, afirma:

O monarca precisa do referendo do profeta, que é mais do que um simples respaldo moral. Por outro lado, o profeta, com capacidade de eleger reis e dinastias, não dispõe de um poder político equivalente ao do rei. No fundo existirá sempre um conflito de poderes - um religioso, outro político que é fonte de inúmeras tensões e suspeitas.⁶⁸

Partindo dessa premissa, Eichrodt reforça esse entendimento sobre a atuação político-social dos profetas:

⁶⁴ EICHRODT, 2004, p. 267.

⁶⁵ SOARES, 2016.

⁶⁶ HILL, Andrew; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2024, p. 276.

⁶⁷ SOARES, 2016.

⁶⁸ SICRE, 1996, p. 131.

De acordo com o que foi dito, não é de estranhar que, no caso dos grandes videntes, nos é falado também de sua atividade política a serviço do povo. Assim como para o fundador da religião, todo o progresso externo da vida nacional formava parte do âmbito dos assuntos religiosos, os videntes não se viram livres da necessidade de intervir em acontecimentos políticos e dirigi-los em nome de seu Deus. São mensageiros de Yahweh, diante de seu povo, quando ele quer se pôr como seu cabeça na guerra santa; e despertam a consciência nacional expressando ao povo, em cantos e ditos, sua grandeza e seus deveres ou também a magnificência e bênção de sua vocação a serviço de Yahweh.⁶⁹

Ao longo da história de Israel, é possível ver os profetas constantemente denunciando as transgressões sociais. Desde cedo as injustiças e desigualdades sociais marcaram a nação chegando ao ponto de os israelitas escravizarem seus próprios irmãos. Durante muito tempo, os profetas advertiram de várias formas, anunciando o dia do derramar da ira divina sobre toda injustiça e impiedade.⁷⁰ É justamente num cenário onde há injustiça social e qualquer forma de opressão, que Deus envia seus profetas ao povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, foi possível analisar de maneira panorâmica o ministério profético no período do Antigo Testamento. Analisaram-se as principais terminologias atribuídas aos personagens bíblicos chamados de profetas, sendo elas: o *nābî* “profeta”, *hōzeh* “visionário”, *rō’eh* “vidente”, e o *’ysh ’ēlōhîm* “homem de Deus”, que apontava para a intimidade que o profeta desenvolvia com o Senhor. A natureza da atividade profética era acompanhada de manifestações de Deus, que comunicava ao profeta a sua vontade por meio de visões e palavras, ou ambas juntas.

Em sua vocação, o profeta era chamado por Deus, não para cuidar de seus próprios interesses, mas se comportavam como porta-vozes do Senhor para anunciar sua vontade soberana a nação. Todo profeta verdadeiro tinha consciência da autenticidade de seu chamado, de que havia sido separado dos demais homens e consagrado soberanamente por Deus para uma tarefa da qual não podia escapar. Dessa forma, o profeta renunciava a todas as garantias e direitos que a vida social lhe proporcionava e se lançava numa situação de completa dependência do Altíssimo.

No chamado profético, estavam incluídos papéis, em que o profeta atuava não apenas no contexto religioso, lembrando ao povo de Israel de sua aliança com Deus que havia sido esquecida ou negligenciada, mas atuava também no cenário social político e social denunciando as injustiças praticadas. Dessa forma, conclui-se que o presente texto possibilitou analisar de maneira panorâmica o movimento profético no período do veterotestamentário. O objetivo foi pretendido alcançado, o qual era analisar a vocação e os papéis exercidos pelos profetas no Antigo Testamento.

⁶⁹ EICHRODT, 2004, p. 268.

⁷⁰ SOARES, 2016.

REFERÊNCIAS

- BAKER, David W. Profetas e profecia israelita. In: BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. **Faces do Antigo Testamento**: um exame das pesquisas mais recentes. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. **O profetismo bíblico**: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BÍBLIA, português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BRITO, Matheus Rodrigues. Uma Visão Geral da História do Profetismo em Israel. **Pneuma**: revista teológica, Curitiba, v. 02, n. 01, 2022 | ISSN: 2965-3177 | p. 52-62.
- BRUEGGMANN, Walter. **A imaginação profética**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.
- CABTREE, A. R. **A profecia de Isaías**: texto, exegese e exposição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.
- COSTA, José Carlos de Lima. O Profetismo Veterotestamentário: definições e papéis sociais. **Colloquium**: Revista Multidisciplinar de Teologia – ISSN: 2448-272261. Volume 6, Número 2, dezembro de 2021.
- EICHRODT, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.
- FREEMAN, Hobart E. **An Introduction to the Old Testament Prophets**. 13.ed. Chicago: Moody Press, 1979.
- GUSSO, Antônio Renato. **Profetas Maiores**: introdução fundamental e auxílio para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2014.
- HARRIS, R. Lairds; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HILL, Andrew; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2024.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Mensageiros de Deus**: profetas e profecias no Antigo Israel. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.
- KREIDER, Glenn R. Messias: profeta, sacerdote e rei. In: RYDELNIK, Michael.; BLUM, Edwin. **Manual de Profecia Messiânica**: estudos e exposições sobre o messias no antigo testamento. São Paulo: Vida Nova, 2024.
- MERRILL, E. H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2009.
- MOTYER, J. A. Profecia, Profetas. In: DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

NICODEMUS, Augustus. **Profetas**: a profecia na Bíblia e na igreja. São José dos Campos: Fiel, 2023.

PACHECO, Thiago Silva. Profetismo, religião e sociedade no Antigo Israel: formas de organização e conflitos. **Religare**, v.16, n.2, dezembro de 2019, p. 615-635.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SICRE, Díaz. **Introdução ao profetismo bíblico**. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2016.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SMITH, Gary V. **Interpretação dos livros Poéticos**: um prático e indispensável manual de exegese. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2001.

SOARES, Esequias. **O Ministério Profético na Bíblia**: a voz de Deus na terra. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1974. v. 2.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no Antigo Israel**. 2.ed. São Paulo: Targumim: Paulus, 2006.